

# ALVORADA

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 11

THERESINA

Revista de letras

Anno I THERESINA

—15—Julho—09.—

PIAUHY

Num. 1

## Informações

A *Alvorada* apparece nos dias 15 e 30 de cada mez e não publica materia paga se não nas paginas reservadas aos annuncios.

A *Alvorada* assigna-se:

Por mez—capital—1\$000. Tres mezes—fóra—3\$500. Numero avulso—\$500.

PAGAMENTO ADIANTADO

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a Zito Baptista, redactor-secretario—rua Desembargador Freitas—Num.—8.

*Endereço telegraphico—Alvorada*

A redacção não se responsabiliza pelas idéas defendidas nesta revista pelos seus collaboradores.

Accetam-se annuncios, mediante previo ajuste e pagos adiantadamente.

ALVORADA

**Q**uatro mais fortes deviam ter iniciado, já, em o nosso meio, a publicação de uma revista no genero desta, cujo primeiro numero distribuimos hoje. Não o fizeram ainda, porém, por esta ou aquella circumstancia.

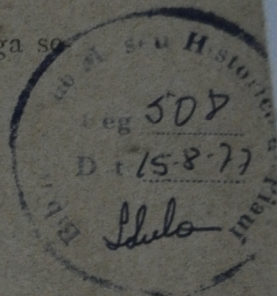
Aguardam, talvez, dias menos maus, e época mais benigna em que melhor possam ser lidos e comprehendidos. Querem, talvez, pisar terreno mais firme, esperam uma oportunidade mais favoravel.

Isso pelo menos é o que nos parece, a nós. Póde ser, porém, que sejam outros os motivos que nos têm impedido de possuirmos, até agora, mantido pelos legitimos representantes da intellectualidade piauhyense, um jornal genuinamente li-

terario, a exemplo dos outros Estados da União, onde elles apparecem em grande copia, attestando o alto gráo de adiantamento dos centros em que desenvolvem a sua acção creadora e benefica.

As nossas gazetas, todas semanaes abordam, de preferencia, as questões politicas, economicas, religiosas, etc., sem esquecer o noticiario vasto e inexgotavel. Sómente de tempos em tempos dão-nos a ler um ou outro soneto, um ou outro conto ligeiro, na maior parte transcriptos da imprensa dos outros Estados e já sobejamente conhecidos pelo nosso pequeno publico ledor.

É não se diga que nos faltam elementos para nos servirmos do que é nosso. Não. Dentro e fóra do Piauhy, temos um



numero relativo de bons intellectuaes— escriptores e poetas de nomeada. Bem podiamos, portanto, sem que ficassem de parte outros assumptos de magna importancia que o jornal não deve esquecer, bem podiamos dar um pouco de vida á nossa acanhada literatura—pobreflor que já se vai estiolando, ainda ao nascer, devido á falta de incentivo para os moços, que luctam por conta própria, e de bôa vontade por parte dos nossos escriptores de nome feito, que, com rarissimas excepções, muito pouco por ella se interessam.

E' lamentavel o estado, quasi de completa inercia, em que temos vivido. Emquanto nos outros pontos do paiz ha um movimento desusado em prol do desenvolvimento espirital de nossa raça, e particularmente do nosso povo; emquanto os outros filhos do Brasil se empenham, fortemente, pelo progresso das letras patrias, numa lucta denunciadora da nossa força mental; nós, esquecidos de tudo, cruzamos os braços, sem animo, quasi impassiveis, a esperar melhores dias, a esperar que o tempo se encarregue de mudar a face das coisas, ou melhor, a nossa condição de povo pobre de recursos monetarios.

E o que é verdade é que até hoje temos vivido, quasi que exclusivamente, de esperanças, de muitas esperanças...

Não temos um club literario; não temos um jornal diario; não temos uma bibliotheca publica; não temos nada, finalmente, que facilite a nossa educação artistica, desenvolvendo o nosso gosto pelas letras.

O pouco que conseguimos fazer devemos ao nosso esforço unico, sem um auxilio, sem um incentivo.

Foram, portanto, as razões expostas que nos obrigaram a levar a effeito a tiragem da ALVORADA. Não que ella possa, por si só, preencher a lacuna de que se resente o nosso meio, com a falta de publicações deste genero. Não, porque como já ficou dito no começo deste artigo, vamos occupar um logar que, por direito, pertence aos mais fortes. Mas, o que é fóra de duvida é que havemos de fazer, mesmo com sacrificios, tudo que

estiver ao alcance das nossas forças pelo engrandecimento desta terra que é nossa.

Assim, dispondo apenas da nossa simples coragem de soldados ainda inexperientes, vamos nos aventurar, d'ora avante, a uma lucta renhida, forte, terrivel, talvez, mas, em todo caso, muito justa e muito louvavel.

E esperamos que a victoria seja nossa, sinão pelo nosso esforço isolado, ao menos pelo concurso valiosissimo do nosso selecto corpo de collaboração.

A ALVORADA aceita artigos de literatura, sciencia, modas, etc., etc. Terá uma secção especial dedicada ás senhoras, onde continuará o programma do *O Escriptorio*, cujo redactor, nosso querido companheiro Jonathas Baptista, teve de suspendel-o para tomar parte activa nos trabalhos desta revista.

## Tuberculosa

Da pallidez dos luars e dos lyrios,  
Languida e doce, o grande mal de posse  
De todo o corpo em ancias de martyrios,  
Ella vibrando a musica da tosse...

Nos seus olhares de um fulgor de cirios,  
Ha preces mudas de uma dor precoce...  
Sonho ouvir em sua voz, pelos delirios,  
Canção de ninhos que a avellude e adoce...

Ao vel-a assim tão pallida e tão languie,  
Tendo na bocca, ironicos, cunctis,  
Os sorrisos vermelhos de seu sangue;

Recordo um sol agónico, em desmaio,  
As Paysagens do Amor vindo através  
Do crystal fulgentissimo de Maio!

*Celso Pinheiro.*

Do Pestalozos— inédito.

## Edmundo Genuino & Irmão

Artigos para homens,  
senhoras e creanças

*Grande sortimento de Chapéos e Calçados.*

## Chronica

«Os academicos fizeram extraordinaria manifestação ao dr. Ruy Barbosa pela sua attitude contra a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca ao cargo de Presidente da Republica.

Foi orador official o deputado Pedro Moacyr que produzio brilhante discurso. O dr. Ruy Barbosa respondeu aos manifestantes, em numero superior a cinco mil, com um notavel discurso, reputado dos mais brilhantes que tem produzido.»

(Tel. do Rio)

⊙ assumpto não é dos mais novos nem tambem dos mais velhos.

Não fôra o acontecimento importante, de que nos dá noticia o telegramma acima, e eu me não abalançaria a escolhel-o para a minha primeira chronica, ao espriar hoje a *Alvorada* os seus primeiros albores sobre as nossas verdejantes campinas, sobre os nossos prados floridos e florestas murmurantes.

Diz-se, por ahi, alem, nas grandes e pequeninas ródas politicas, que é a candidatura Hermes da Fonseca a mais viavel, a mais sympathisada pelo povo e que o notavel reformador do exercito brasileiro ha de occupar, muito merecidamente, o elevado posto de Presidente da Republica, no proximo quatriennio.

Longe de mim ir de encontro a essa ou áquella opinião. E' outro o meu fim. Algumas ligeiras considerações sobre o assumpto, e nada mais.

O leitor, si não è muito inclinado ás discussões politicas, como acontece com o escrevinhador destas linhas, desculpar-me-á, por certo, se me deixei levar por esse caminho, onde se debatem constantemente milhares de opiniões diversas.

A candidatura Hermes foi, e ninguem o contesta, uma especie de dique á candidatura Campista, afim de poupar á querida terra brasilia mais uma decepção causada pelos interesses pessoaes, pelas camaradagens compadrescas. O ex-ministro da fazenda não estava e não está no caso de assumir a suprema chefia dos nossos destinos. Nem mesmo respeitabilidade propria posue para tal fim, como disseram alguns jornaes do Rio, dando a paternidade de semelhante juizo ao sr. dr. Ruy Barbosa. Era preciso apparecer um candidato do povo contra o candidato do Cattete, e foi o que se deu. O momento era dos mais criticos; as circumstancias não admittiam demoradas reflexões. Foi, então, o grande estadista, o

glorificado Barão do Rio Branco o escolhido para salvar a não da Republica que já estalava as suas taboas, vogando sem ruído, no revólto oceano do egoismo e dos interesses pessoaes.

O notavel brasileiro, porem, recusou-se. E recusou-se por tal fórma, tão franca e convictamente que não foi possivel a mais insignificante resistencia à sua formal recusa.

Emquanto tudo isso se dava, enquanto essas reviravoltas atordoavam o animo do povo, ainda sob o peso de tão lamentavel surpresa—a candidatura Campista—appareceram alguns politicos de alto valor, e o nome do Marechal Hermes da Fonseca surtiu dentre toda aquella balburdia, a semelhança de um novo Salvador, de um novo Messias Promettido...

Estava salva a patria e a primeira impressão foi a mais agradável possivel. Para quem se debate em trevas, o simples pyrilampejar de uma estrella longinqua tem o brilho e a refulgencia dos grandes astros.

Estava passado o primeiro susto, tinha desaparecido o primeiro terror, voltavam novamente os dias calmos e felizes, cheios de promissoras esperanças. Não tardaram, porém, as opiniões divergentes. Ellas foram surgindo, pouco a pouco, e já não são sómente individuos destacadamente raros que vêem na candidatura Hermes alguma coisa que não diz bem com as aspirações e os ideaes de um povo livre.

Rio de Janeiro, Bahia, S. Paulo e Minas, poderosos Estados, pelas suas riquezas e tradições politicas, manifestaram-se contra tal apresentação, e a «grande aguia de Haya, o soberbo condor da nossa intelligancia,» o dr. Ruy Barbosa, collocou-se francamente ao lado dos que auguram mal de um governo que assim se vai iniciar.

Isto sómente seria bastante para atemorizar os que não conhecem de perto o nosso futuro Presidente. Comtudo, eu não escreveria estas linhas, não rabiscaria estas considerações, si não fôra o telegramma que acima transcrevo.

A mocidade, os timoneiros do futuro, os grandes homens de amanhã, a mocidade está francamente solidaria com o querido mestre.

Não por uma obediencia cega e cobarde; mas porque ella vê, ella teme mesmo alguma coisa anormal, extraordinaria... E deve ser de mau agouro o receio, mais ou menos fundado, desses cinco mil estudantes, revoltados contra o modo rápido de se resolver os importantes negocios do Paiz.

Emfim, tudo poderá ser... «para bem da Patria e felicidade do povo.»

## BRODIO NUPCIAL

Emfim, o derradeiro convidado  
partiu... Na alcova a luz tremula e baça  
poisa de leve sobre a renda e a cassa  
do niveo e roçagante cortinado.

E, duas vezes geme o immaculado  
thálamo... e geme o linho que se amassa;  
por toda a casa, embriagante passa  
de carne um cheiro fórte, alvoroçado.

Corre um rumor de risos comprimidos  
dos cabellos na onda, em desalinhos,  
no saciar ardente dos desejos...

E no fremir dos torsos confundidos  
unem-se labios rubros de carinhos,  
rompendo a louca bacchanal dos beijos!

*Phocion Caldas.*

Do—«Turrís Davidica»—inedito.

## 14 de Julho

A civilização moderna data da renascença, período comprehendido entre 1450 a 1600. Foi o despertar da Europa ao ensinamento da antiguidade classica, perdida em a noite da idade media, apenas antevista, em leves revérberos, aos iniciados dos conventos catholicos. A renascença produziu a reforma de Luthero, enfranquecendo o poder do papa e movimentando as consciencias. Erasmo repetia em toda a parte e em todos os tons: *La Renaissance est l'œuf, la Reforme est l'oiseau qui en est sorti.* E estes dois grandes acontecimentos deviam acarretar, mais cedo ou mais tarde, a revolução politica e social. A realza absoluta teve o seu maximo esplendor no seculo XVII em França com Luis XIV. Mas essa mesma grandeza incontrastavel marca tambem o começo do seu declínio fatal. A Hollanda, a Inglaterra e mais tarde os Estados Unidos da America davam o exemplo de revoluções memoraveis em prol do progresso das idéas liberaes contrarias á reacção do despotismo até então preponderante. O seculo XVIII foi o seculo da philosophia, diffundindo as idéas novas por todas as camadas sociaes. Voltaire, Rosseau, D'Alembert, Diderot, pará só falar nos mais celebres, dictavam leis ao mundo, esclarecendo as massas sobre os seus direitos e demolindo as ameias dos castellos medievaes. Coube á França o mais difficil papel na obra da regeneração da humanidade, o que faz perdoar a Lamartine este bello rasgo de *chauvinisme: Quand la Providence vent qu'une idée embrase le monde, elle l'allume dans l'âme d'un Français.* Havia incompatibilidade absoluta entre a consciencia mododerna e o regimen antigo. As fórmas da sociedade da idade media a-

inda perduravam. O solo era dividido em provincias inimigas; os homens eram divididos em classes rivaes. A nobreza havia perdido todos os seus poderes em proveito da realza, mas conservára as suas distincções; o povo não possuia nenhum direito, e a França estava entregue á confusão do arbitrio ministerial, dos regimens particulares e dos privilegios das corporações. A essa ordem abusiva a Revolução devia substituir outra mais confórme com a justiça e com as exigencias da época, collocando a lei no lugar do arbitrio e a egualdade no lugar do privilegio, libertando os homens das distincções das classes, o solo das barreiras das provincias, as industrias dos entraves das corporações, a agricultura das sujeições feudaes e da oppressão dos dizimos, a propriedade dos onus das substituições, e tudo reconduzir a um só Estado, a um só direito a um só povo. Os seus grandes caudilhos, como Danton, Robspierre, Marat e tantos outros, pondo de parte os seus excessos e erros deploraveis, estavam todos convencidos de que era preciso demolir todo o edificio social para reconstruil-o de novo. Eram mais idéologos do que praticos.

Mas, enquanto a Revolução ia se fazendo nos espiritos dos oprimidos e dos seus chefes, os detentores do poder e dos privilegios tentavam organizar a resistencia para esmagar a onda popular. Os Estados Geraes constituem-se em Assembléa Nacional e reclamam uma constituição. O rei, bom homem, porem espirito fraco e mal aconselhado, vai tergiversando e preparando forças para sitiá Paris. Circulam os boatos mais aterradores, e as multidões começam a se impacientar, diante das traições do despotismo.

O primeiro acto decisivo dessa grande tragedia social foi a tomada da Bastilha, o castello feudal da tyranmia omnipotente. Foi um feito interaimente popular contra uma fortaleza perfeitamente

armada contra o povo. Foi a 14 de julho de 1789. Data dahi o verdadeiro marco da era novissima, o inicio da carta de alforria dos povos modernos. Todas as liberdades consignadas nas leis posteriores, todas as garantias prescriptas nas Constituições, estas mesmas Constituições, tudo provém desse manancial inexgotavel, que ainda agora impelliu o imperio turco para o gremio das nações européas, ao som da *Marselhesa*. A historia dos horrores da *Bastilha* tem sido feita muitas vezes. Bastava uma carta com o timbre official (*lettre de cachet*) para um homem ir apodrecer nos seus calabouços por tempo indeterminado.

Um historiador faz o seguinte commentario ao 14 de julho:

«De todos os lados ouvem-se gritos de odio e estendem-se punhos ameaçadores contra a fortaleza tragica. De facto, o livro dos culpados attesta as mais hegríveis injustiças. Ahí vemos encarcerações assim motivadas: Leguay, moço doirador, preso por ser convulsionario, morto na prisão no fim de trinta annos; Ricardo, por ter procurado descobrir thesoiros; Davant, por causa de quietismo. Uma mulher Joanna de Lièvre foi presa como culpada de ter cahido de epilepsia no meio da rua».

Tudo isto explica a raiva com que, a 14 de

julho, o povo de Paris arrojou-se ao assalto dessas velhas torres que representavam seculos de despotismo, de arbitrio e de violencias.

No dia seguinte, Paris estupefacto com a sua facil victoria, foi contemplar com os proprios olhos esta coisa inaudita, exorbitante... a Bastilha prisioneira.

Mas não ficou só nisto o povo foi muito adiante no seu odio ao velho castello. Começou logo a demolição até ao completo arrasamento. No lugar, mais tarde, foram erigidas uma fonte e uma estatua da Liberdade.

O governo provisório da Republica no Brasil, consagrando o 14 de julho á commemoração da Liberdade e da Independencia dos povos americanos, fez bem, incluindo a celebre data na lista dos dias de festa nacional. Parece, porem, que restringiu um pouco a significação historica da Revolução Franceza, de cujos beneficios tem aproveitado e vai aproveitando toda a Civilização do planeta, e não sómente o continente americano.

Salve, pois, 14 de julho, data de uma nova era de triumphos para a Liberdade do genero humano, lendario Ashaverus, «eterno viajor da eterna senda»!

H. C.

## RECUSA

Pedes-me tu, na carta, oh minha doce amada,  
Que risque de minh'alma o teu nome querido;  
Que esqueça esta paixão ardente e condemnada  
Pelo teu coração maguado e arrependido;

Que mande o teu retracto e a trança perfumosa  
Que tu me déste outr'ora enlaçados num beijo.  
E terminando a carta um tanto lacrimosa:  
« Bem sei que não sou mais teu unico desêjo .

Foste injusta demais, borboleta doirada.  
Eu comprehendo o motivo e a causa disto tudo:  
Desejaste tornar minh'alma torturada  
E o meu bom coração eternamente mudo.

Fica sabendo, pois, meu doce bem querido:  
Eu não satisfarei jamais o teu pedido.

P. B.

Oliveira, Pearce & Comp.

Compram todos os generos de exportação,  
PELOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO.

Theresina—Praça Saraiva.

## Dr. H. Portella Parentes

A noticia da morte do doutor Honorio Portella Parentes feriu-me tão fuudo a alma que, ainda agora, sete dias depois, escrevendo estas linhas à sua memoria bemdita e respeitada pelos que o conheciam de perto e lhe admiravam os meritos inconfutaveis, o valor do seu talento invejavel, a pureza do seu espirito e do seu temperamento de combatividade; sim, ainda agora, acho-me fraco demais para dizer o que sinto e falar sobre a sua existencia tão curta, mas tão rica de exemplos nobres, tão recta e tão digna.

E' que elle sabia que esta vida enganadora é mesmo assim passageira e cruel; e eis porque, enquanto viveu, apenas tratou de praticar o bem, de conhecer a verdade.

Ha pouco, voltando do cemiterio, onde fui deixar sobre o seu tumulo querido um rosario de lagrimas sentidas, filhas da minha dor e da minha amizade, eu via cahir do azul uma funda melancolia; uma tristeza angustiante de não sabido sentimento; enchendo o ar, amortalhando tudo no vèu do crepusculo que morria; e mudo, attendendo para tudo aquillo, para aquella nostalgia do céu, eu sentia que no fundo do meu peito crescia tambem uma tristeza immensa, uma desolação pungente, cheia de uma sombra enorme de saudade, mas de uma saudade que se não finda como aquelle resto de occaso que vi desaparecer além, extinguir-se por entre laivos róxos de nuvens tenues, numas entre-abertas de horizonte.

Indifferente, com a attenção presa no transe inexperado do seu passamento, eu nem sei mesmo si poderei continuar, tal o derramamento de toda a minh'alma suggestionada ainda pela visão derradeira do seu enterro.

E' que pareço ouvir a cada instante as pancadas surdas daquellas pás de terra que vi cahirem sobre o seu corpo inanimado, atiradas brutalmente, funebremente, por um coveiro. Foi de um modo amargurado que vi tudo aquillo, desde que da casa de sua familia sahiu o seu cadaver até que lá no cemiterio, nuna agonia endolorada, lhe disse chorando o ultimo adeus, vendo-o descer ao seio da terra fecunda, para sempre.

Moço e illustrado, elle foi verdadeiramente um forte. Nas luctas da intelligencia, onde temos por espada o cerebro, o doutor Parentes mostrou sempre, desde muito novo, possuir um espirito eleito, um espirito altivo e independente, fadado a conquistar as maiores victorias neste immenso theatro de atribulações e de misérias, que é o mundo, onde, a cada passo, vendo a verdade combatida, vemos a mentira santificada.

De facto, apenas penetramos nelle, somos recebidos pela mão do erro que nos acompanha os passos, nos segue em todos os projectos, procurando nos envolver em seus laços innumeraveis, dos quaes, a custo, nos libertamos quasi sempre, fugindo assim á destruição da nossa intelligencia, ao naufragio da nossa razão. Mas isto só no fim de alguns annos, só depois de muito estudo e de havermos andado por ingremes e differentes caminhos, é que alcançamos, começando a conhecer que a esphera em que nos collocaram não era a mesma para que estavamos destinados. Foi o que não aconteceu com o joven morto, porque elle, desde os seus tempos de academico, firme nas suas idéas, sempre virtuoso, já tinha formada a sua convicção na sciencia da honra, da probidade e da humanidade, fazendo parecer que quando se entendera já sabia o caminho que devia trilhar.

Recebido carinhosamente no templo maçonico desta capital, onde era assaz considerado pelos seus irmãos em crença, elle, depois de conhecer as suas doutrinas e dese ter instruido nellas, sentiu que o seu coração lhe havia sido fiel e se julgou feliz.

Prova isto a prestimosidade e affecto comprovado que elle sabia dedicar a Maçonaria Piauhyense, de cujos triumphos se fazia partícipe, cooperando activamente pelo seu desenvolvimento e engrandecimento continuos.

Lastimando o seu desaparecimento material, eu choro a morte do moço que não viveu; choro o medico distincto que tão bem soube comprehender que a medicina sem a caridade não tem cumprido a sua missão sublime e nobilissima na terra; choro o homem de idéas firmes e elevadas, criterioso e energico, cheio de raro senso e possuidor de admiraveis virtudes; choro, finalmente, o amigo, esse que jámais se apagará do meu espirito, porque, sempre bom e sempre justo, era de uma fidelidade inexcedivel, sabia medir o valor real dos que o queriam e idolatravam, com aquella mesma dedicação com que sabia querel-os e idolatral-os tambem. E é por tudo isto que a maior gloria do seu nome está, sem duvida, na lembrança que ficou dos seus exemplos, das suas grandes virtudes, na alma de todos nós que tanto lhe queriamos e que, religiosamente, havemos de conserval-a, como testemunho verdadeiro da nosso estima, do nossa reconhecimento eterno.

Bençamis á sua memoria.

6—7—09.

*Antonio Chaves.*

---

*Edmundo Genuino & Irmão.*—Variado sortimento de artigos de primeira ordem.

## MONOLOGO DE UM CEGO

—Falaram-me do sol: «Maravilhoso, o sol,  
Refulgindo na altura...»  
«Ab! si pudesses vel-o, assim como um pharol,  
Immenso e inaccessivel,  
Em vertigens de luz sobre a nossa cabeça!...»  
E, eterna desventura,  
Eu fiquei-me a pensar: Porque o sol invencivel  
Não rasga o negro vèo da minha noute espessa  
Quando brilha na altura?...

Falaram-me tambem da floresta e das aves  
(Das aves, cujo canto  
Arranca da minha alma uns effluvios suaves  
De vaga nostalgia)...  
Ah! si eu pudesse ver as aves e as florestas!  
Soberbo o meu encanto,  
Si eu pudesse aclarar minha noute sombria,  
Quando ouvisse, enlevado, em delirios e festas,  
Num soberano canto,  
A voz da passarada ao longo das florestas.

E o mar? Dizem que o mar é um gigante estupendo,  
Um grande revoltado,  
Que vive, noute e dia, em soluços, gemendo  
De colera incontida,  
A investir contra o céo soberbo e indominado...  
—O mar é um monstro ideal que tem alma e tem vida!  
Eu não o vejo, não; mas chega aos meus ouvidos  
É escuto, allucinado,  
A musica fatal dos seus grandes gemidos...

E choro, e, desgraçado, eu ponho-me a chorar,  
Porque não vejo nunca o velho deus—o Mar!

\*

Ah! Destino cruel! triste e sombria sorte,  
Negra sorte brutal!  
—Na vida, em vez da vida, anda comigo a morte,  
A escuridão sem fim...  
Tenho a envolver-me o corpo a aza torva do mal...  
—E falam-me do céo, das aves e das flores,  
E dizem-me que o mundo é um paraíso, assim  
Todo cheio de luz, de aroma, de esplendores!...

E eu creio! eu creio em tudo!  
Os homens têm razão... Eu creio e desejava,  
Vendo sumir-se ao longe a minha noute amara,  
Ver o mar... ver o sol, no firmamento mudo,  
A brilhar! a brilhar!

Mas, o meu grande Sonho, o meu Sonho infinito  
É' outro, um outro ainda: O que me faz chorar,  
É ha de, em furia, arrancar-me o derradeiro grito,  
Quando a morte levar-me aos trambulhões, a esmo,  
É' a ancia indefinida, o desejo profundo  
De conhecer o que ha de original no mundo:  
Conhecer a mim mesmo!

Porque, a julgar, talvez, pelo mal que me oprime,  
Eu devo ser, de certo, um monstro desconforme,  
—Feia imagem fiel da miséria e do crime,  
Atado ao poste real da minha dor enorme!

## Coração de mulher

Como é cruel ser ingrato! — dizia Armania, maguada e sentida, com os olhos cheios de lagrimas—pequenas lagrimas do tamanho de pequeninas perolas...

Acompanhavam a estes fios purissimos de aljofar, soluços entre-cortados de dolorosas queixas...

Era a tardinha. O sol, o flammejante sol desapparecia, enfeitando de rubro as nuvens erradias...

As palavras pronunciadas sob a cúpula sombria de ùa mangueira frondosa, perto de um ribeiro e de um lago tranquillo, repercutiam tristes, infinitamente tristes...

As suas supplicas perdiam-se nas folhagens, doiradas pelo sol agonisante. O seu ouvido buscava no murmúrio do arvôrêdo, na orchestra dos passaros cantantes, na cantiga sonora do regato deslisando-se deliciosamente, um consôlo á saudade que enlaçava sua alma. A dôr, a tristeza diminuiam o brilho de seus olhos azues; davam-lhe ás suas faces, outr'ora frescas e rosadas, a pallidez de quemsoffre...

Olhava o céo azul reflectido nas aguas socegadas do lago, em cujas margens cysnes e marrecas patinhavam, cantando, cantando...

Ajoelhava-se na arêa prateada, levantava os olhos para o firmamento: orava. Lucio—assim se chamava o eleito de sua alma—era o objecto daquellas preces ardentes e puras. E ella, tremula, afflicta e chorosa erguia-se, e a sua voz—mixto de tristeza e de agonia—soluçava: Lucio é ingrato! Lucio partio! Nem uma esperanza, nem um adeus!... Ah! como sou infeliz! O meu pensamento, como a sua sombra, não o abandonará.

E, como ùa sylphide, pallida de commoção, cahia em um extasi profundo, meditando, meditando...

Subito, ella dirigio os seus olhos amortecidos á uma pedra fronteira. O seu coração, envolto no manto roxo da saudade, ferido de dôr, de tristeza e de agonia, mandava aos seus labios tremulos estas palavras:—Esta pedra é insensível, nem ao ribombo dos trovões ella estremece: não pensa, não soffre. Prantos de Návades não a commovem: lagrimas não amollecem-n'a. Nem o oceano a vence: é compacta, inflexível.

E' que, naquelle instante, ella via naquella pedra muda e inerte, alguma cousa de semelliante ao coração de Lucio.

Como se enganava! O coração do ho-

mem é tão insondavel que nem mesmo o olhar da mulher apaixonada é capaz de penetrar no seu intimo. E assim é que Armania se illudia, julgando ingrato o coração de Lucio, quando dentro d'elle, sómente ella imperava.

\*\*

Lucio, character nobre, impellido pelo dever, havia partido em busca de um pergaminho—garantia do seu futuro. Deixou, porem, ùa carta, que ella recebeu no dia seguinte, e na qual elle externou toda tristeza de ùa separação... Não ousou despedirse, pessoalmente, receioso de que supplicas e lagrimas de sua noiva adorada, impedissem o seu sublime intento.

Três dias depois, num sumptuoso baile, Armania valsava alegre, altiva e soberana ao peito de um cavalheiro, a ouvir-lhe phrases apaixonadas e declarações de amor.

Ella já havia esquecido Lucio!...

\*\*

Coração de mulher, como és volúvel!!

P. B.

## Alvorada

(fragmento do poemeto  
«O Avarento» — inédito.)

Vem cantando a madrugada,  
Ave de luz, inspirada,  
Ao longe, alem, muito alem...  
E o passaredo desperta,  
Travesso, bem vivo, alerta,  
E alegre canta tambem.

E' a hora em que tudo é vida  
E a vida—forçada lida  
Constante, a recommear;  
E' a hora em que, na campina,  
A sempiterna bonina  
Começa a se balouçar.

O lavrador, no caminho  
Da rôça se vai sosinho,  
Da aurora ao meigo rubor...  
E' a hora em que tudo é festa  
E, «da cidade á floresta»,  
E' tudo luz, tudo amor.

O sol, a serra dcurando,  
Vem, pouco a pouco, chegando.  
—Enorme carro a rolar...  
E a natureza, sorrindo,  
Desperta, contente, ouvindo  
O mundo todo a cantar.

Jonathas Baptista.

Isso foi o bastante para que eu fosse perseguido constantemente pelas pilherias dos meus dois collegas que não perdiam occasião para elogiar o meu «correcto par», o qual só uma coisa tinha digna de admiração—uma dentadura tão alva, tão certa, tão perfeita que qualquer, ou quero dizer, muitas das nossas formosas deidades ficariam orgulhosamente felizes si possuíssem um tal thesoiro. E a quadrilha, dançada pelo systema francez, continuava cada vez mais animada.

Primeira, segunda, terceira parte e eu cada vez mais ancioso pelo final do meu martyrio. Estava realmente encabulado, nervoso, damnado da vida. E a trôça continuava mais picante, mais terrivel. O Mario, então, meu «vis-a-vis», como se diz nos grandes salões, não me deixava um instante:—

—E's na verdade, um homem feliz!... Estás hoje na maré de boa lua!... Mas o teu par dança muito bem!...

Eu estava pessão e jurava intimamente que havia de tirar uma desforra. Premeditava a minha vingança, pensava no meio de executal-a com o mais bello exito, quando um accaso feliz veio em meu auxilio.

O Mario, de briúcalhão e alegre que estava, tornou-se, de repente, muito serio e macambusio. Ia romper de quarta parte da celebre quadrilha, quando o meu amigo, chamando-me de parte, disse:—

—Olha, Jonathas, faz-me um favor—troque-mos os pares...

Em começo suppuz que aquella proposta nada mais fosse do que a continuação da brincadeira, afim de me desesperar ainda mais. Reparando, porém, na sua physionomia e no seu modo de falar, verifiquei, com enorme surpresa, que o negocio era serio, muito serio mesmo. E ainda mais me certifiquei, quando elle, supplicante, insistiu:—

—E' fóra de toda e qualquer brincadeira. Faz-me o favor—troque-mos os pares.

—Mas qual o teu interesse, si ainda há poucas rias tanto do meu correcto par, como o chamas?

—E' que tenho o proposito, bem sabes, de não dançar com «mulher atôa» (o meu amigo, como ainda hoje, era exageradamente escrupuloso, em se tratando dessas coisas que para a maioria dos rapazes nada valem) e só agora me disseram que o meu par é u.n.a... Dei uma gargalhada! Estava vingado!

Desde então, não accedendo por forma alguma ao pedido do meu amigo, mais por uma vingança pandega do que por um capricho mal entendido, vi na «minha negrinha», com quem passeiava orgulhosamente pela sala, uma deusa, um anjo, uma rainha. E era realmente.

O Mario, por um requinte de civilidade, terminou a quadrilha mais não mais rio-se do meu correcto par.

\*\*\*

Duas horas da madrugada. O baile ainda não tinha terminado.

—Vamos embora.

E seguimos em procura do nosso barco que, como é mesmo de praxe, ficara amarrado em uma arvore bem á margem do rio. Chegámos... Terceira decepção! cruel desespero! horrivel desgraça!... A canôa se tinha submergido e só encontrámos o cabo atado á arvore.

Que fazer áquella hora da noite, sem um passador do porto, sem um só homem disposto que nos auxiliasse?

—Esta só pelo diado! dizia eu indignado. Só mesmo lembrança do «senhor» Mario com o senhor Ney!...

Que fazer agora? Havemos de dormir aqui? E as aulas amanhã? E as nossas familias que nem sequer sabem aonde estamos á esta hora?

Emquanto pensavamos em tudo isso, o Ney, velho como sempre, em se tratando de difficuldades dessa ordem, foi immediatamente acommittido de febr. d. dor na cabeça.

—Era um pretexto para se por fóra de combate, gritamos logo, juntamente, eu e o Mario.

Duas para tres horas da manhã, um frio de bater queixo e nós dentro d'agua, trabalhando para arrancar do fundo o imprestavel escaler.

Trabalho improficuo, esforço sem resultado!

Desenganados e arrependidos de tão funesta aventura, fomos ao Eugenio que, depois de uma lucta tremenda para arrancar-o ao pesado somno, nos vendeu banana sem farinha com que matámos a fome e nos mandou atravessar.

\*\*\*

O sino da igreja das Dores chamava para a missa, quando pisámos novamente em terras piauihyenses, depois dessa noite tão cheia de decepções crués e contrariedades tamanhas que eu agora procuro recordar, sem augmentar um ponto, sem romantizar, sem phantasiar.

Qualquer um dos meus dois amigos melhor do que eu o faria. A lembrança, porém, foi minha, e isto somente deve valer alguma coisa.

Escrevo para dois camaradas do meu tempo de lyceu e quando a gente está entre pessoas de inteira confiança, fala sem preocupação, conversa naturalmente, sem rodeios nem desconfianças.

Tive saudades do tempo em que eu era mais feliz, porque ainda muito pouco conhecia o mundo e as suas maldades. Foi, pois, a saudade a inspiradora destas linhas que ali ficam, sem esmalte de forma nem colorido de adjectivação, mas, em todo caso, muito sinceras.

Que o Ney e o Mario, ao lerem isto, se recordem do velho companheiro que os não esquece nunca, nada mais desejo, nada mais ambicioso neste momento.

Feliz d'aquelle que, sem remorso, pode recordar o passado e ter saudades delle.

The.—Julho—1909.

Jonathas Baptista.

## CORAÇÃO

Corda de harpa do céu, soberba corda,  
Que chora e canta em desvario, aos gritos,  
E que em nossa alma, soberana, acorda  
A harmonia dos sonhos infinitos...

Corda da lyra eterna, que a saudade  
Tange, ao sabor de interminada agonia,  
Relembrando a delicia de outra idade  
E a extranha luz de extincta phantasia.

Miniatura de um mundo mysterioso,  
Onde vagam, sensuaes e provocantes,  
Mulheres que nasceram para o goso  
E para o mal de innumerados amantes...

Mulheres que em nervosos bamboleios,  
Na ostentação das formas caprichosas,  
Têm nos labios, nas mãos, na voz, nos seios,  
A atracção das serpentes venenosas!

Coração—céo aberto ao sol da vida...

Coração,—brando ninho perfumado,

Onde brota a esperança, resurgida

Da tenebrosa noute do passado...

Tudo o encanto do amor vive e palpita

Em nossos corações...

—Coração,—vivo ser, alma infinita,

Alma e vida das nossas illusões!

Zito Baptista.

(Do Ba: baros, —iné-lito)

## O baptismo da morte

**B**aptismo da morte, recebi-o, hontem, com um escarro de sangue, sangue vivo, espumante, quente, com um sabor forte de cousas imaginarias, cheirando a doença, lembrando ataques, canções, desfallecimentos e quebra de energias vitaes, numa força impetuosa de allucinações e pesadelos, num prenuncio certo de tuberculose quasi declarada...

Ai, a morte! Ha tempos que eu a esperava, ancioso, descobrindo-a, perto, a me acenar com os longos braços descarnados, apontando mundos que a minha fraqueza descobre, às vezes, através de infinitos luminosos, desvendando mysterios, devassando tudo: céos cheios de luz, de anjos e de santas resplandecentes; purgatorios que regorgitam de almas penadas e, por fim, infernos lobregos, ladrilhados a barras de ferro encandecente, cheios de fogo e de caldeiras a ferver, povoados de gritos e de soluços dos grande condemnados; sim, infernos lobregos e pavorosos, ficis ás creações phantasticas de homens doentes, nervosamente vencidos pelo Fim que se aproxima...

Ai, a morte! E' assim que a sua visão me apparece, sempre, assim, como um immenso cosmorama de vistas extravagantes e movimentadas que me ferein o olhar, brilhando como espadas polidas ou como diamantes relusindo ao sol...

Mas, tambem, às vezes, numa confusão de idéas, numa mudança rapida de scenario, vejo-a por um outro prisma mais lugubre e mais racional. Vejo-a, e vejo o nada, o vacuo, a sepultura rasa; a lei da nova encarnação do espirito ou a da evolução continua da materia; a morte, finalmente, como termino da vida, sem outra vida que a substitua para alem da terra, a morte completa, definitiva, sem outros gosos o sem outras misérias que não sejam o goso supremo e a suprema miseria do Não Ser...

E nada disso me atemorisa!

Phantasias dolorosas do ultimo momento, ou a brutalidade ainda mais dolorosa do raciocinio que não admite o sobrenatural; a morte como começo de outra vida, ou como a cessação da vida unica que é esta existencia amarga da terra, nada disso me faz tremer, nada me mette medo!

Eu que não fui um forte, em tempo algum, para affrontar a ferocidade cega do Destino, selo-ei, agora, no instante final, descendo firme e resolutio ao seio calmo do Nada, para repasto dos vermes esfomeados. Não derramarei lagrimas!

Não pedirei que affastem de mim o calix de amargura que me está reservado...

De qualquer fórma, a morte è sempre um descanso.

Bem dita, pois, a tuberculose que me vai matar...

Felizes os que podem ver desaparecer, assim, ainda em tempo, sonhos que si não realizariam nunca...

Felizes os que sabem que a grande ceifadora já vem perto, brandindo a machadinha lendaria, sob a forma de um mal que a sciencia confessa não poder curar!

Bem dita a doença que não illude as suas victimas...

Bemaventurados os que morrem vomitando sangue...

W.

## Bilhete intimo

Recebi o postal que me annuncia  
Já seres noiva de teu primo Ozorio;  
È que por tal motivo, de alegria,  
Vives constantemente no oratorio.

Ah! bem depressa se aproxima o dia  
Do teu feliz ou infeliz casorio,  
È que depois de nove mezes, Lia,  
Tenhas um anjo no teu ninho floreo...

Casar, eu creio, às vezes è loucura;  
Outras vezes, porém, durante a vida,  
È constellada e placida ventura...

Casar, dizem que è um mystico segredo—  
Procura, pois, o desvendar... Querida:  
— «Quem tem os olhos fundos chora cedo.»

A.

## Os seis mandamentos da mulher

1.º Não te casarás per dinheiro nem para brilhares na sociedade, mas só com o homem que ames verdadeiramente.

2.º Aceitarás teu esposo tal e conforme fôr e hás de procurar não substituir sua imagem no teu pensamento por outra que imagine a tua vaidade.

3.º Antes de dar o teu ultimo passo para o matrimonio, vê bem com cem olhos o homem com que te fôres casar, porque depois de casada debes ser cega para elle.

4.º Deves proclamar teu marido como senhor e amo da casa, e desta forma serás a senhora e dona do lar.

5.º Fala sempre bem de teu esposo, e nunca, nem diante de tua mãe e ainda menos diante da tua melhor amiga, deixes conhecer seus defeitos.

6.º Não guardes o sacco de tuas reconvenções para esvazial-o no leito conjugal: um marido é capaz de atravessar o mundo a pé com uma mulher que saiba escolher as occasiões para reconvir, e não irá em automovel com a que possuir tão máo habito.

(Extr.)

## A uns olhos

Olhos, placidos olhos onde, outr'ora,  
O limpido estrellario da alegria,  
Tremeluzindo pela vida em fóra,  
Mais encautava quanto mais fulgia;

Olhos calmos, porque vos vejo agora  
Tão tristes, muito mais que uma elegia,  
Cuja vóz morre tremula e sonora  
Dentro da noite da melancolia?...

Oh! vendo-vos tão cheios de mysterios,  
Tão cheios desse immenso desconforto,  
Quaes dois astros maguados e funereos,

Eu penso ver, eu penso ver dois cirios-  
Morrendo, a illuminar um sonho morto  
No seu caixão de estrellas e de lyrios.

Antonio Chaves.

## Alma agonica

O amor que me faz bem de ti me afasta.

Maranhão Scyrinho.



Amor! indominavel leão  
da floresta intangível  
do Mysterio, quem po-  
derá comprehender-te?  
Ah! suprema angus-  
tia a dos apaixonados infelizes, extranha  
nervosidade a dos torturados do amor!

... Ainda ha pouco, quando passavas,  
altiva e desdenhosa, dominando corações  
da torre de marfim do teu orgulho sobe-  
rano, emquanto todo aquelle borboletear  
de cabeças como um multiplo thuribulo  
evolava-te incensos de admiração, nos  
meus olhos fagulhavam settas envene-  
nadas de impiedosa ironia. E no emtanto  
nunca me pareceste a mim tão bella nem  
a tua belleza me havia estrellado o peito  
de tão novas e inéditas sensações.

Mas tu, calma, injusta, indifferente,  
sem mesmo reparares no louco que be-  
bedo dos teus encantos seguia-te deliran-  
do, ias como a propria imagem da Divin-  
dade rendilhando o ambiente de neblinas  
fluídicas de aromas. E á maneira que te  
tornavas mais adoravel e todas as almas  
eram como rosas palpitantes desfolhadas  
humildemente a teus pés, eu, pallido e  
nervoso, muito nervoso e muito pallido,  
sentia que as aguias da Afflicção revoa-  
vam pelo concavo azul do meu peito, e  
enchia-me de profundas, de infinitas me-  
lancolias...

Ah! eu acompanhava todos os teus  
gestos, e quando falaste a alguem num  
requite de coquettismo, esfolhando as  
petalas luminosas da tua graça, deu-se  
em mim como que um rugido de chacal  
desvairado. Era a minha alma que, trans-  
formada em serpente flammivoma do  
odio, expellia veneno de doloroso ciume...  
Foi então que todo o meu ser incendiou-  
se na apothicóse vibrante dos delirios e  
pensei que as trevas da loucura iriam  
para sempre obumbrar-me as luminosi-  
dades da razão. Olhei-te: A tua fermo-  
sura tinha nesse momento coisas myste-  
riosas do céu... Tu sorrias e... livido,  
medonho, sem inteira consciencia de mim,  
tive desejos brutaes de estrangular-te, ter-  
rível de paixão! depois beijar-te, terna-  
mente infeliz, chorando baixinho em sur-  
dina; depois, outra vez magoar-te, outra  
vez acariciar-te, louco, muito louco, dolo-  
rosamente louco...

E sempre essa mesma tortura, essa  
mesma nevrose incomprehendida, ante o  
teu vulto luminoso e lindo! Pois, embora  
brinque á flor do meu ser um sorriso cla-  
ro de primavera, ao teu apparecimento  
todo elle instinctivamente se retrahê, e o  
meu olhar de desprezo cabe friamente  
sobre ti, envolvendo-te como as dobras  
sinistras de uma mortalha...

E todavia, minha deliciosa tortura  
e minha torturante delicia, agora que já  
te não vejo atravéz das muralhas tene-  
brosas do meu desespero, e que só a tua  
imagem resplandece dentro do meu pen-  
samento, avelludando-o de ineffaveis ter-  
nuras, como eu te amo manamente, e

como é suave, mystica e serena, a tranquillidade azul desta Affectividade! A' minha imaginação suggestionada, tu appareces como uma visão celeste, fazendo palpitar em meu peito estrellejamientos de encantos. Eu me concentro em suave mysticismo ante o teu vulto soberano e, balbuciando preces de infinita adoração, agradeço mil vezes á Deus, a suprema delicia de amar-te assim, sempre assim, docemente, religiosamente absorto. Depois, como que temendo que a alcova suffoque os amavios deste amor, saio para a grande noite illuminada, a diffundil-o pelas estrellas e as rosas. E alli, de joelhos, na cathedral branca do luar, rezo orações de luz a ti, contemplando-te a sorrir por entre as rendas tenuissimas das nuvens, na redoma esplendida da lua. E, nesta extrema-uncção da emotividade, quanto enlevo, quanto sentimento delicioso evolase do meu coração de artista a transbordar de ti, unicamente de ti!

Oh! talvez que não acredites, mas neste momento, eu sou todo como um cão humilde a quem houvesse castigado severamente, e que logo após voltasse sem o minimo resentimento para beijar-te os lindos e mimosos pés. Entretanto, minha formosa Indifferente, como me tortura a terrivel certeza de que si me surgisses de improviso, de novo eu ficaria tomado do mesmo orgulho estúpido e o meu olhar de neurasthenico te fulminaria de impiedoso desdem!

... Amor! indominavel leão da floresta intangivel do Mystério, quem poderá comprehender-te? Ah! suprema angustia a dos apaixonados infelizes, extranha uervosidade a dos torturados do amor!

*Celso Pinheiro*

---

Edmundo Genuino & Irmão

---

Artigos para homens,  
senhoras e creanças.

*Grande sortimento de Chapéos, Calçados e*

PERFUMARIAS.

## SONETO

*A Baurelio Mangabeira*

Na floresta do meu amor endolorado  
Onde murchou do Sonho o flórido Arvoredo,  
Chora o Rio dos Ais, sem fim, pelo balseado,  
De doce nenuphar de lagrymas coalhado.

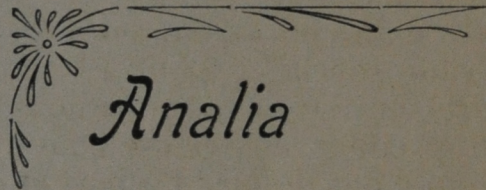
Sob a trama hybernal da nevoa do Passado,  
Nas Paysagens da Crença o doce passaredo  
Morre de frio... e sò, implacavel e tredo,  
Ruge o chacal do Tedio em furias assanhado.

E embora da Saudade a lua suave e mansa  
A' floresta desdobre a tunica perenne  
De caricias subtis perfumadas de amor,

Ouve-se alli em vez da briza da Esperança,  
O louco vendaval do Desespero infrene,  
A rugir através dos Rochedos da Dor!

*Celso Pinheiro.*

*Do Pesadelos.*



*Analia*

Foi por uma noite humida e cheia de neblina.

Escassamente, cahia a prumo, por sobre a cidade adormecida, a luz nostalgica da lua que, muito além do seu zenith, parecia descançar, equilibrada por traz de um veu de vapores quentes, na quietação da sua grande paz, enorme, absoluta.

De momento a momento, um pouco distante, compassado, lugubre, agoureiro, se ouvia, apenas, o pio de uma ave solitaria quebrando a magestade sanificadora do silencio.

A'quellas horas, era tristonho de ver como o pobre Mario soffria, alli, no seu aposento, sósinho, sem a companhia de um amigo que lhe abrandasse a grande magua que lhe vinha da alma. E chorava como um louco; ás vozes, num desfallecimento que fazia pena; outras vezes, tresvariado, em delirios, unindo o

seu choro ao do vento que entrava pela porta que ficara aberta.

Elle que, outr'ora, inteiramente entregue ás caricias de um sonho feliz, via as suas illusões boiarem alegres e docemente no pequenino lago da ventura, como um bando de cysnes por sobre a superficie mansa e silenciosa de um ribeiro sereno, de aguas claras; elle que, rompendo mil empedimentos, conquistara, afinal, um titulo de doutor, e tudo por causa da sua muito amada, della que promettera fazer a sua felicidade e que lhe era a unica esperança na vida, se julgava, agora, o homem mais desgraçado do mundo. E, com a imaginação abrasada, pensava:

—Para que quizera ser doutor? Para que a abandonara tanto tempo, fazendo assim a sua propria desventura?...

Ah como em outro tempo este nome lhe sorria!... Doutor!... Ser bacharel em sciencias juridicas e socias, prender a consideração de toda gente nas dobras do pergaminho da carta, andar altivo, sem olhar para o chão, seguro do respeito á sua pessoa de homem formado, seria uma cousa magica e suprema, uma divindade, talvez.

Doutor!... Que nome maravilhoso! Na batalha da vida, elle teria poderes variaveis, multiplos, sobrehumanos...

Seria como um pallio aberto, á cuja sombra elle andaria livre, desembaraçadamente, sem temer os ataques dos bons ou dos maus, dos grandes ou dos pequenos, dos fatuos ou dos simples.

Ser doutor! possuir um bonito anel no dedo, andar de fraque e cartola, pedante, inflado, pelos passeios, pelas praças; frequentar os principais salões, recebendo de todos os lados cumprimentos de *doutor*; ter direito de conquistar todas as moças e por ellas ser correspondido, sem, todavia, amar a nenhuma, se-

ria, de certo, uma delicia ineffavel, uma alegria nunca experimentada...

Elle, porém, não praticaria desta fórma... De voíta da academia, saberia cumprir a promessa feita, unindo-se áquella a quem havia dado o seu amor, numa jura cheia de sinceridade, num extase abençoado e eterno.

Mas, ah! agora que elle chegara formado, agora que elle ia em busca de sua terra natal, a terra de seus paes, lá onde nascera a mulher que lhe enchia a vida de sonhos, essa mulher de olhos avelludados, passivamente bons, onde havia um quê de raro, de excepcional e delicado; agora que elle ia resolute, prompto para tornar em realidade o seu melhor idéal, encontrava-a perdida, para sempre, eternamente perdida, a vagar, sosinha, alta noite, pelas ruas desertas de Therezina.

\*

Sahira de um baile, havia pouco. Pelo caminho, a lhe seguir os passos, elle sentiu o vulto de alguém que se approximava. Era o de uma mulher que, com a cabeça quasi coberta, procurava alcançal-o.

Esperando-a, ouviu ella dizer que andava atraz de um homem, e que sympathisara com elle. Demais, que noite fria, cahia neve. E muito meiga, dizendo que já lhe queria bem, confessara ter dezoito annos, que era muito nova. Andava assim, porque tivera a infelicidade de perder seu pae que lhe era tão bom, que lhe tinha tanta amizade. E, acrescentando que sua mãe lhe fôra extremamente cruel, dando-a a troco de dinheiro, a um homem vil, sem coração, que a judiava sem piedade, e de quem ella fugira medrosa, pediu que elle não fosse mau, tivesse compaixão da sua desgraça.

Mario, immovel, encerrado num silencio pungente, sem um gesto, sem um movimento, escutava-a quasi chorando; e, chegando-se mais

para ella, interrogava-a indefinidamente; queria saber a historia da sua infancia da sua mocidade, do seu amor.

Ouvindo-a, e ouvindo a docilidade do seu nome, Mario, completamente attonito, fitou-a allucinado, demoradamente, sentindo um baque desesperado, surdo, profundo, la por dentro do seu coração de moço, resoando triste, dolorosamente.

Era ella, a pobre Analia!

Abatido na sua dor intraduzivel, no seu pezar immenso, elle proprio não sabia como tinha ido para alli. E, então, com as idéas prosas naquelle facto extraordinario, viu apparecer-lhe, fascinadora e cruel, a imagem sinistra do suicidio. A principio teve um segundo de revolta. Pareceu-lhe que alguma coisa invisivel penetrava, pouco a pouco, em sua alma, arrancando-lhe todas as forças, fazendo-o curvar-se á sua vontade poderosa. Depois...

O silencio continuava profundo, infiltrando-se na alma das cousas, envolvendo os campos que dormiam numa immobilidade de morte. E Mario, como a sonhar, julgava que tudo aquillo não passava de uma allucinação dos seus sentidos, quando o somno, doce e tranquillo, consolador e suave, em cujo seio

desappareciam todas as suas dores, abria suas azas sobre elle, como se fossem papoulas mysteriosas de um narcotismo estranho.

Com a approximação do dia, pequenas ondulações de ar passavam de manso por entre as plantações do jardim, fazendo-as estremecer levemente... Emquanto, á porta de Mario, de joelhos, banhada em pranto, via-se a imagem pallida de Analia, deixando cahir sobre o corpo adormecido do pobre moço toda a tristeza do seu olhar, muito longo, muito meigo, muito timido...

A. C.

## Sim e não

Escuta flor: de que te serve tanta belleza e tanta graça em ti reunidas!?... Quizera ter a vida de mil vidas feita, e morrer do amor que mais me encanta.

As illusões que me eram tão queridas, morreram todas. E entretanto, quanta angustia me deixaram!... Cêca!... espanta, sentir-se tantas dores não sentidas.

A's vezes vem-me um câio brutal. Juro vingar-me, te esquecer e até procuro, riscar do peito a tua linda imagem...

Satisfaz-me este amor e contraria... E' coragem poder odiar-te um dia? Amar-te, sempre, inda è maior coragem...

Eudoxio Neves.

# Secção Elegante

## Correio da moda

### Para as noivas

Não lhes devo causar admiração—queridas leitoras—dizendo que, para vestuários de noivas, sou muito inimiga das excentricidades—exageros da moda—e creio que, nesse particular, estou de accordo com todas as pessoas de gosto razoavel.

Deve-se desejar elegancia, muita elegancia mesmo; admitte-se, tambem, que o vestuario da noiva seja luxuoso, rico; embora, com isso, fique um pouco prejudicado o aspecto de virginal pureza, tão lindo, principalmente quando a noiva è ainda muito moça.

Mas, devem-se evitar as fantasias excessivas, ainda não acceitas, e que se podem prestar a criticas. Não pensam como eu?

O vestido deve ser á princeza, tom uma «linha» impecavel, acompanhando a moda da época, apenas com pequeninos franzidos acima da cintura, mas conservando, apezar disso, o ar de simplicidade, que lhe dá tão grande encanto.

Por sobre o vestido ha um manto bordado a ponto de Veneza, deixando a frente livre, mas prolongando-se atrás como um manto real. Assim, parece capaz de satisfazer a noiva mais exigente, em materia de elegancia.

Como guarnição, apenas uma fina «guirlande»

de flores de laranjeira, seguindo a «linha» do vestido, que é lindo.

As mesmas razões, que me levam a preferir o modelo, indicam-me a escolha de um tecido lindo, de preferência aos de fantasia, mesmo bonitos, para vestidos de noivas.

O bello clima do Brasil não permite o uso dos velludos pesados, dos rijos e magestosos gorgões antigos e do luxuoso panno de prata, que em França são escolhidos para os mais apparatusos vestidos de noivas, os preferidos pelas moças de estatura elevada e irponente e pelas que... já não contam dezeseis annos. Escolham, por tanto, «Liberty» nacarado, um «crêpe» da China, bem macio ou uma vaporosa «mousseline» de sêda.

Se a noiva for loira, pode escolher o tecido branco, mais deslumbrante, as morenas, porém, deverão dar preferencia ao branco de tom crême ou prateado, que fará realçar a tez.

O véu—seja ou não de rendas antigas—deve ser collocado «à Judia»—isto é, cahindo somente para tras sem occultar o rosto. Essa maneira de collocar é obrigatoria com todos os véus de renda. Mas com os véus de «tulle illusion», que são os mais lindos, as noivas devem cobrir o rosto e o peito. E' encantador vel-as completamente envolvidas na transparencia myste'riosa das ondas de «tulle».

As flores de laranjeiras já não se uzam em fôrma de corôa; a classica corôa é substituida ultimamente por dois pequenos tufos de flores, de um lado e outro da cabeça, genero «Princesse Lointaine» ou «Gismonda». Algumas noivas têm usado até, em vez de floree de laranjeira, lyrios, flores symbolicas, que ficam muito bem sob um véu de noiva.

Tambem se tem uzado rosas brancas, mas esse uso só é acceitavel em casamentos realizados em stricta intimidade, em casa ou em uma cidade do campo.

Outro uso que desapareceu por completo foi o do «bouquet». As noivas parisienses abandonaram inteiramente esse incommodo accessorio; algumas usam ainda o livro de missa, que nesse dia deve ser branco ou coberto de «moire» ou «faille».

As luvas devem ser de pelle da Suecia ou «chevreaux» branco, os sapatinhos devem ser de setim ou de panno de prata, mas são preferiveis de «chevreaux», sobre meias de seda.

Toda a roupa interior deve ser branca, até nas fitas, e feitas com «linons» finissimos ou orna da geralmente com «valeciennes», que podem ser luxuosas. Mas o aspecto geral deve ser muito simples, sem infieites inuteis.

Convem notar que, actualmente, para roupa interior, só o branco é considerado elegante e o mesmo se dá com a roupa de mesa.

Portanto, a base de todo o enxoval de uma noiva deve ser muita diminuta a parte reservada ás graciosas «lingeiriês» de cor, que ainda tentam muitas moças. Em todo o caso, aconselhamos ás nossas leitoras que guardem as roupas interiores de cor para o verão, os sports e as viagens.

Já agora falarei tambem do vestuario do noivo. A casaca está completamente banida para os casamentos que se realizam durante o dia. Um homem elegante não veste çasaca senão á noite.

Assim, os noivos usam agora sobrecasaca preta ou cinzenta, com gravata clara e botinas de verniz. A mãe da noiva deve se apresentar com um vestuario apparatuso, de velludo ou Meteoro, ornado com rendas de valor.

Insisto sobre o effeito encantador que produz vestir de modo igual duas ou quatro damas de honor. Vestida todas de azul claro ou de cor de rosa, formam emtor no da noiva um grupo lindissimo.

Tambem as damas de honor já não usam o velho «bouquet», mas apenas a bolsa ornada com um pequeno ramo de flores—de preferencia orchideas, presas por um pequeno lenço de rendas.

Este lenço é o unico presente, que é permitido ao cavalheiro de honor offerecer á dama.

Marie Anne L'Henreux.

(Da «Illustração Brazileira»).



O nosso distincto amigo Pedro de Souza Mendes contractou casamento com a gentilissima senhora Doninha Rêgo.

«Alvorada» deseja aos noivos um futuro ple-no de felicidades, uma vida constante de alegrias.



Tambem ajustou casamento com a senhorita Celsa Veras, dilecta filha do nosso amigo coronel Abilio Veras, o sr. Francisco dos Santos e Silva. Parabens.



Realizou-se no dia 17 deste, em casa do nosso velho amigo Livio Castello Branco, animada «soirée» dançante que se prolongou até alta madrugada.

Motivou a agradável festa o baptizamento de um filhinho do nosso referido amigo que, bem como a sua exma. senhora esteve prodigo em finezas e captivantes amabilidades.



Enviamos parabens ao nosso distincto amigo Raymundo Furtado, bem como á sua exma. senhora, pelo nascimento do seu primeiro filhinho, no dia 21 do mez a findar-se.



## De relance

A senhorita, a quem pertence este ligeiro esboço, é de uma formosura verdadeiramente peregrina, mas um tanto serena e impassivel. Está na quadra, em que a vida se nos afigura um conjuncto de maravilhas e um poema de encantos e de bellezas incomparaveis: 15 annos!

Os olhos grandes e imperiosos, têm a luz de negros diamantes. Os cabellos são rivaes das noites sem luar e sem estrellas. A tez, de um moreno finissimo, deixa de leve, muito de leve, transparecer o carmin das petalas das rosas.

E' o typo perfeito da mulher bonita.

Retrahida por indole, raras vezes brilha nos salões, apesar de faser parte do escól de nossa sociedade, de dançar bem e de ser admirada por todos que rendem culto á Belleza.

A sua conversação é polida e sensata, e nella, incensivelmente, mostra a candidez de sua alma e a bondade do seu coração.

A sua voz, um tanto ligeira, tem a harmonia de passaros cantantes, quando a alvorada vem despertal-os.

E' geralmente conhecida por um apellido breve, «mignon», composto de duas syllabas repetidas, em plena harmonia com a graciosidade do seu todo.

Para a sua felicidade completa, tem ainda pae, mãe e irmãos, um dos quaes é estudante de medicina, carreira abraçada pelo seu digno progenitor.

A tardinha, vemol-a sempre á janella, contemplando a belleza natural do modesto jardim de uma egreja proxima.

E ao vel-a assim de oihar sereno e lindo,

De feições delicadas e formosas,

Num rumurejo de cume infundo,

Tremem de inveja, a'li, todas as rosas.

Adonis.

## SENHORITA SANTA MARTINS

Continúa ainda sob a tortura do sol impiedoso da febre a encantadora senhorita cujo nome mystico e divino serve de corôa luminosa a estas linhas.

Alma columbina, a de sabotoar pe-ennemente em lyrios de bondade, a senhorita Santa Martins, que é verdadeiramente uma santa, tem recebido nos dias crueis da sua enfermidade, as mais sobejas provas do quanto é adorada no coração da sociedade thesesinense.

E' que, affavel, de uma simplicidade encantadora, tendo sempre a envolver-lhe a ternura deliciosa das estrellas, Santa Martins é daquellas que ao primeiro golpe de vista faz despertar em nosso peito o ineffavel culto da adoração.

A ultima vez que a vimos, podemos notar que nem mesmo o proprio mal obumbrara de leve a sua etherea belleza. Pelo contrario, achamol-a bellissima vendo-a muito meiga e muito doce com aquelles enlanguescimentos suaves de megnolias e aquellas doçuras cariciosas de por de sol.

A alma d'«Alvorada» que se honra em palpitar de sincera admiração pela formosa enferma, reza preces de velludo pelos labios vermelhos das rosas para que a saude, «primavera esplendida do corpo», lhe restitúa de novo a revoada rutila das alegrias.



Por motivo do anniversario de sua filha, a formosa senhorita Elmira Burlamaqui, o coronel Emílio Burlamaqui offereceu ás pessôas de sua amizade lauto e bem servido lmoço, no dia 27 deste mez.

A noite houve ainda animado baile que se prolongou até alta madrugada.

Passou, no dia 27 deste, o anniversario natalicio da sympathica senhorita Zenaide Cunha, filha do nosso querido mestre dr. Hygino Cunha e uma das mais distinctas amigas da «Alvorada».

A anniversariada que tem na sociedade thesesinense grande numero de amigos e admiradores foi, por esse motivo, muito felicitada.

Nós, mais uma vez enviamos-lhe os nossos sinceros saudaes.

## NAMORADOS SEM VENTURA

E' o thema escolhido pelo nosso collega Zito Baptista para á sua palestra litteraria, a realizar-se domingo, 1.º de agosto, ao meio dia, no theatro «4. de Setembro».

A julgar pelo numero de bilhetes passados, é de esperar que crescido e selecto auditorio irá ouvir a palavra facil e encantadora de Zito Baptista, joven poëta piauihyense que em nosso meio tem alcançado os mais bellos triumphos litterarios.

## NOTAS

EM TEMPO.—Para sanar um erro que, por um descuido lamentavel, escapou no derradeiro verso do primeiro soneto —Partida— do nosso companheiro Antonio Chaves, reproduzimos, aqui, o ultimo terceto do mesmo.

E nem sei mesmo, não, si nesse instante  
Terei força demais, força bastante  
Para ver-te fugindo dos meus olhos.

## ZITO BAPTISTA

Deverá seguir, do dia 5 do mez proximo, para a Capital da Republica, este nosso estimado amigo e collega que ali vai tratar de negocios do seu particular interesse.

*Alvorada* que sempre teve para com o companheiro que se vai a mais sincera amizade, sente verdadeiramente a sua falta e faz votos pela sua completa felicidade e pela realização das suas justas esperanças.

Zito Baptista, caso se demore na grande cidade, será ali o nosso representante e de lá nos enviará cartas mensaes, narrando os acontecimentos mais importantes.

Mais uma vez muitas felicidades ao querido companheiro.

De passagem para a povoação de Natal, esteve entre nós, vindo de Beleur, Pará, o jovem piauihyense Raymundo Campello de Vasconcellos, filho do capitão Ernesto Campello.

Devido a falta absoluta de espaço, foi sacrificada grande quantidade de noticias e outros artigos litterarios.